26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
ISSN 2177-3688

GT 11 – Informação & Saúde

A BIBLIOTERAPIA NO LUTO POR SUICÍDIO: INFORMAÇÃO E AÇÕES DE POSVENÇÃO

BIBLIOTHERAPY IN SUICIDE BEREAVEMENT: *INFORMATION AND POSTVENTION*

Aline Machado Cruz – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Ana Paula Meneses Alves – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: O luto decorrente do suicídio apresenta características que o diferenciam de outras formas de perda, sendo atravessado por sentimentos complexos e intensos como culpa, impotência, raiva, incompreensão e busca por sentido. Esta pesquisa discute as particularidades desse tipo de luto, enfatizando suas dimensões emocionais e simbólicas, bem como as contribuições da biblioterapia nesse processo. Ancorado em referenciais teóricos interdisciplinares, o estudo adota uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória. Parte-se da compreensão de que o suicídio produz rupturas profundas na continuidade narrativa dos sujeitos, criando lacunas de entendimento que dificultam a elaboração do luto e favorecem sentimentos de isolamento e silenciamento. Nesse contexto, a biblioterapia emerge como uma prática de acolhimento e cuidado, capaz de favorecer processos de reconhecimento, nomeação e reconstrução de sentidos. Conclui-se que, por meio da informação mediada com sensibilidade, a biblioterapia pode contribuir significativamente para as ações de posvenção, favorecendo a elaboração do luto em contextos atravessados pelo estigma social e pelos julgamentos dirigidos aos sobreviventes.
Palavras-chave: luto; suicídio; biblioterapia; profissionais de informação.

Abstract: Grief resulting from suicide presents characteristics that distinguish it from other forms of loss, being marked by complex and intense feelings such as guilt, helplessness, anger, incomprehension, and the search for meaning. This study discusses the particularities of this type of grief, emphasizing its emotional and symbolic dimensions, as well as the contributions of bibliotherapy in this process. Grounded in interdisciplinary theoretical frameworks, the study adopts a qualitative and exploratory approach. It is based on the understanding that

suicide produces profound ruptures in the narrative continuity of individuals, creating gaps in understanding that hinder the grieving process and foster feelings of isolation and silencing. In this context, bibliotherapy emerges as a practice of welcoming and care, capable of fostering processes of recognition, naming, and reconstruction of meanings. It is concluded that, through information mediated with sensitivity, bibliotherapy can significantly contribute to postvention actions, supporting the elaboration of grief in contexts marked by social stigma and judgments directed toward survivors.
Keywords: grief; suicide; bibliotherapy; information professionals.

1 INTRODUÇÃO

A experiência do luto atravessa todas as vidas, mas nunca da mesma maneira. Entre suas múltiplas manifestações, o luto por suicídio destaca-se por sua complexidade, pois envolve não apenas a dor da perda, mas também sentimentos intensos de culpa, impotência, raiva e a difícil incompreensão diante do ocorrido.

Em comparação a outras formas de perda, pessoas enlutadas por suicídio podem apresentar níveis mais intensos de sofrimento traumático (Dantas; Bredemeier; Amorim, 2022). Diferentemente de mortes percebidas como naturais ou inevitáveis, o suicídio tende a provocar maior impacto por seu caráter repentino, violento e, muitas vezes, sem explicações aparentes. Nesse contexto, surgem questionamentos persistentes, como “houve sinais?”, “como não percebemos?” ou “poderíamos ter evitado?” que intensificam o sofrimento dos sobreviventes[1].

A dificuldade de elaborar essas questões é agravada pela fragilidade de narrativas sociais capazes de sustentar a compreensão do suicídio. Fukumitsu e Kovács (2016) destacam que o suicídio é marcado por estigmas. Enquanto outras formas de morte são acompanhadas por discursos culturais de consolo que auxiliam na organização simbólica da perda, o suicídio é cercado por silêncios e julgamentos que dificultam o compartilhamento da dor e a construção de significados da experiência.

Diante desse cenário, este trabalho busca refletir sobre as especificidades do luto por suicídio e discutir o potencial da biblioterapia como prática de posvenção, considerando suas possibilidades de acolhimento, expressão e elaboração emocional diante das experiências desencadeadas por este tipo de luto.

[1] Segundo Watson *et al.* (2021) são considerados sobreviventes os familiares e amigos da pessoa que cometeu suicídio. Ampliando essa compreensão, Jordan e McIntosh (2011, p. 7, tradução nossa) definem sobrevivente como “alguém que experiencia um alto nível de sofrimento psicológico, físico e/ou social, por um período considerável de tempo, após a exposição ao suicídio de outra pessoa”.

No âmbito da Ciência da Informação, a pesquisa dialoga com as discussões do GT 11 - Informação e Saúde da Associação de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ANCIB) ao compreender a biblioterapia como prática de cuidado informacional voltada ao acolhimento dos sobreviventes. Ao abordar a mediação da informação em contextos marcados pelo estigma social, o estudo aproxima-se das discussões sobre literacia para a saúde e humanização da informação diante do sofrimento humano.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O presente referencial teórico apresenta reflexões acerca dos impactos do luto por suicídio e das possibilidades de cuidado, acolhimento e elaboração emocional por meio da prática biblioterapêutica.

2.1 O LUTO POR SUICÍDIO

O impacto traumático do suicídio mobiliza emoções intensas e ambivalentes nos sobreviventes, como “culpa, choque, autoacusação, raiva, busca por lembranças, vergonha, isolamento, rejeição, falta de sentido e necessidade de explicações” (Fukumitsu; Kovács, 2016, p. 11). Entre essas reações, a culpa é uma das que mais se destacam por tornar o luto por suicídio doloroso, pois mantém o sobrevivente ligado à ideia de que a morte poderia ter sido evitada (Fukumitsu; Kovács, 2016).

Somam-se a isso sentimentos de impotência e frustração diante da percepção de não ter conseguido intervir ou oferecer ajuda. Como observam Fukumitsu e Kovács (2016, p. 9), “o suicídio desafia a potência da família”, despertando questionamentos que, muitas vezes, permanecem sem resposta. As autoras ressaltam, ainda, que nunca é possível conhecer plenamente “as reais motivações de a pessoa ter se aniquilado, pois a verdade se foi juntamente com a pessoa que se matou” (Fukumitsu; Kovács, 2016, p. 10).

Além disso, o luto por suicídio pode assumir um caráter prolongado e complexo. Watson *et al*. (2021) apontam que fatores como isolamento, dificuldade de falar sobre a causa da morte, sentimentos de abandono e emoções conflitantes contribuem para a intensificação e prolongamento desse processo. Dessa forma, o luto por suicídio ultrapassa uma reação imediata, constituindo um processo contínuo, marcado por tensões internas e dificuldades de significação.

2.1.1 A dor que é estigmatizada

"O suicídio é considerado uma transgressão pela sociedade, pois afronta o instinto de sobrevivência" (Fukumitsu; Kovács, 2016, p. 9). Essa compreensão social contribui para a construção de estigmas que atravessam tanto a pessoa que se matou quanto os sobreviventes. Em diálogo com essa perspectiva, Schopenhauer (2005, p. 504) afirma que:

> O suicida quer a vida; porém está insatisfeito com as condições sob as quais a vive. Quando destrói o fenômeno individual, ele de maneira alguma renuncia à Vontade de vida, mas tão-somente à vida. Ele ainda quer a vida, quer a existência e a afirmação sem obstáculos do corpo, porém, como a combinação das circunstâncias não o permite, o resultado é um grande sofrimento.

A reflexão de Schopenhauer evidencia a intensidade da dor envolvida nessa experiência. Ainda assim, o suicídio costuma ser reduzido a julgamentos e explicações simplistas, repercutindo negativamente na vida dos sobreviventes. Conforme Fukumitsu e Kovács (2016, p. 9), "os familiares de quem se mata podem se sentir julgados: ouvem que não foram capazes de perceber os sinais de que a pessoa se mataria".

Nesse contexto, o estigma favorece o silêncio e o isolamento dos sobreviventes, que enfrentam o luto com apoio emocional limitado (Watson *et al.*, 2021). A dificuldade de falar e de encontrar espaços de acolhimento intensifica sentimentos de solidão e incompreensão. Além disso, a ausência de diálogo e reciprocidade emocional compromete a construção de novos significados diante da experiência vivida, dificultando a elaboração do luto por suicídio (Lavoratti; Eich; Batista, 2014).

2.1.2 Posvenção

A posvenção do suicídio refere-se às "ações, estratégias e intervenções voltadas aos sobreviventes enlutados" (Dantas; Bredemeier; Amorim, 2022, p. 2). O termo deriva do inglês *postvention* e foi cunhado por Edwin Shneidman em 1968, compreendendo intervenções destinadas aos sobreviventes e profissionais de saúde, com o objetivo de promover cuidado, recuperação emocional e desestigmatização do suicídio (Erlich *et al.*, 2015).

Além de oferecer suporte aos sobreviventes, a posvenção desempenha importante papel preventivo ao contribuir para a redução do estigma e para a minimização do agravamento do sofrimento psíquico entre familiares, amigos e comunidades afetadas (Dantas; Bredemeier; Amorim, 2022; Erlich *et al.*, 2015; Shneidman, 1996). Assim, a maneira

como profissionais, instituições e redes de apoio acolhe os sobreviventes favorece a recuperação emocional, fortalece ações preventivas e contribui para romper estigmas (Erlich *et al*., 2015).

Dantas, Bredemeier e Amorim (2022) acrescentam que a posvenção busca apoiar e instrumentalizar as pessoas afetadas pela perda por suicídio por meio da informação, do acolhimento e do acompanhamento, evidenciando a importância de práticas sensíveis e humanizadas no cuidado aos sobreviventes.

2.2 BIBLIOTERAPIA

O termo biblioterapia deriva do grego *biblion*, relacionado aos materiais de leitura, e *therapein*, associado a tratamento, cura ou restabelecimento (Seitz, 2006). A composição desses termos está na origem da denominação da prática, ao estabelecer uma aproximação entre a leitura e o cuidado. Essa relação não implica, contudo, compreender a literatura como um "remédio" em sentido clínico. Trata-se de uma concepção construída historicamente a partir do reconhecimento das possibilidades de as narrativas literárias acompanharem o sujeito diante de diferentes experiências, inclusive situações de sofrimento. É nesse sentido que Ouaknin (1996, p. 11) compreende a biblioterapia como uma "terapia por meio de livros", enquanto Paris (2021, p. 42, tradução nossa) afirma que "a literatura — desde tempos imemoriais — tem sido um poderoso remédio", destacando seu potencial de cuidado diante das experiências humanas.

O contato com as narrativas pode possibilitar ao sujeito reconhecer aspectos de sua trajetória, identificar percepções e sentimentos compartilhados e encontrar outras formas de compreendê-los e expressá-los. As obras literárias podem suscitar identificação ou estranhamento, conforto ou inquietação, reconhecimento ou questionamento, oferecendo, por vezes, palavras para nomear aquilo que ainda não havia sido elaborado ou compartilhado. Nesse movimento, as histórias podem revelar "o que sua dor ainda silencia" (Paris, 2021, p. 42, tradução nossa), favorecendo processos de consciência e reconstrução de narrativas.

Essa compreensão das possibilidades da literatura como recurso de cuidado está presente em definições de biblioterapia apresentadas por diferentes autores. Seitz (2006) define a biblioterapia como uma prática planejada, desenvolvida a partir de materiais de leitura selecionados para auxiliar no enfrentamento de questões emocionais e comportamentais. Caldin (2001; 2005; 2009), por sua vez, amplia essa compreensão ao

concebê-la como uma prática que articula a leitura de textos literários, o diálogo e atividades que favorecem a interação com a obra e os participantes.

Caldin (2005, p. 21) destaca que, “na biblioterapia, se prioriza o diálogo”, evidenciando a centralidade da interação na construção dos sentidos suscitados pela leitura. A experiência biblioterapêutica, portanto, ultrapassa a relação entre leitor e texto e envolve as trocas estabelecidas no decorrer da prática. Para Paris (2021), ler em conjunto aproxima vozes, experiências e o mundo criado pela vivência compartilhada, integrando-os à narrativa. Nessa perspectiva, o potencial terapêutico da literatura resulta da articulação entre a obra, as vivências dos participantes e as condições em que a leitura é mediada.

A dimensão coletiva da prática biblioterapêutica permite que os sentidos atribuídos à leitura por cada participante encontrem ressonância, contraste ou complementação nas percepções dos demais. O compartilhamento de diferentes interpretações e vivências pode ampliar perspectivas, favorecer o reconhecimento de experiências comuns e, ao mesmo tempo, evidenciar diferentes modos de compreender uma mesma situação. Desse modo, a biblioterapia passa a integrar um espaço de troca, escuta e de construção coletiva de sentidos.

Nesse processo, a mediação constitui um elemento fundamental da prática biblioterapêutica. Para Sousa (2022, p. 17), a mediação “ocorre através do diálogo entre texto, leitor, autor, ambiente, vivências e experiências”, cabendo ao mediador “fazer circular o entendimento de estar ali, de ouvir as vozes dos autores e entrelaçar com as histórias do grupo.” Nessa perspectiva, o mediador não ocupa o lugar de quem interpreta a experiência do outro ou determina o significado que o texto deve produzir. Seu papel consiste em criar condições de acolhimento, escuta e diálogo, selecionar materiais coerentes com os objetivos da atividade e as características dos participantes, estimular a participação e possibilitar que diferentes interpretações sejam reconhecidas e compartilhadas.

A compreensão do papel do mediador torna-se principalmente relevante por a biblioterapia constituir uma “atividade interdisciplinar” (Caldin, 2001, p. 42), desenvolvida em diferentes contextos, como educacionais, culturais, sociais, comunitários, hospitalares, institucionais e clínicos, e envolver profissionais de diferentes áreas. Essa diversidade de contextos e de campos de atuação evidencia a necessidade de considerar as especificidades de cada prática e as competências dos profissionais envolvidos, especialmente quanto às responsabilidades e aos limites de sua atuação.

No Brasil, Silva (2005) observa que os estudos sobre o tema se concentram predominantemente entre profissionais da Biblioteconomia, situando a biblioterapia, em grande medida, no campo da Ciência da Informação. Essa inserção torna pertinente delimitar as possibilidades e os limites de atuação do profissional da informação, especialmente porque a biblioterapia não deve ser confundida com a psicoterapia nem apresentada como substituta de tratamentos psicológicos ou psiquiátricos quando estes se fizerem necessários.

Essa delimitação é imprescindível diante de situações de sofrimento psíquico intenso ou de demandas que ultrapassem as possibilidades de intervenção do mediador. Nesses casos, de acordo com o contexto institucional e a natureza da demanda, é necessário articular a atuação com outros profissionais ou realizar o encaminhamento para serviços especializados, de modo a preservar a segurança dos participantes e a responsabilidade ética da prática.

Nessa perspectiva, Caldin (2009) distingue a biblioterapia clínica, relacionada à atuação de profissionais habilitados para o cuidado de patologias psíquicas, da biblioterapia de desenvolvimento, voltada ao cuidado do ser em sua totalidade e que pode ser realizada pelo bibliotecário, a quem a autora denomina “aplicador da biblioterapia”. A distinção evidencia que a atuação do bibliotecário não envolve diagnosticar, tratar ou interpretar clinicamente os participantes, mas criar condições para o encontro entre leitor, texto e grupo, favorecendo o diálogo, a expressão, a reflexão e a construção de sentidos.

A biblioterapia, portanto, não substitui tratamentos clínicos, mas pode contribuir para o “fortalecimento emocional, por meio da escuta sensível, promovendo reflexões e oferecendo alívio em situações de sofrimento” (Pinheiro; Aguiar; Barroso, 2026, p. 3). Justamente por mobilizar aspectos subjetivos e poder produzir efeitos sobre aqueles que dela participam, sua realização requer uma atuação ética e responsável, pautada pelo respeito à privacidade, pelo consentimento informado, pela garantia de sigilo, pela criação de um ambiente seguro e por uma postura não julgadora. Tais princípios assumem especial importância diante da possibilidade de a leitura mobilizar experiências subjetivas, exigindo do mediador sensibilidade, responsabilidade e respeito à dignidade dos participantes (Cruz; Alves, 2026).

A biblioterapia pode ser compreendida, portanto, como uma prática de cuidado mediada pela literatura, na qual a leitura se articula ao diálogo, à escuta e às relações

estabelecidas entre os sujeitos. Seu potencial não decorre exclusivamente das obras selecionadas, mas das possibilidades que se constituem na interação entre leitor, texto, mediador e contexto. Essa compreensão requer reconhecer tanto a pluralidade de sentidos que a experiência literária pode suscitar quanto as singularidades daqueles que dela participam, reafirmando a importância de uma atuação ética, responsável e atenta aos limites profissionais. Mais do que atribuir à literatura uma função terapêutica em si mesma, trata-se de reconhecer as possibilidades de cuidado que podem emergir da experiência de ler, compartilhar e atribuir sentidos às próprias vivências.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O percurso metodológico deste estudo fundamenta-se na abordagem qualitativa, de natureza exploratória, adequada à investigação de fenômenos complexos e ainda pouco explorados no campo científico. Conforme Sordi (2017, p. 63), o método qualitativo "se volta à subjetividade dos sujeitos (ou objetos) estudados e é operacionalizado de forma mais indutiva, objetivando a construção de teorias". Nessa perspectiva, busca-se compreender significados, experiências e interpretações construídas diante de determinados fenômenos.

A escolha pela pesquisa exploratória justifica-se pela necessidade de aprofundar a compreensão sobre a interface entre biblioterapia e luto por suicídio, temática ainda incipiente na literatura. Segundo Sordi (2017, p. 62), esse tipo de investigação mostra-se pertinente quando há necessidade de "entender mais sobre um assunto ainda pouco conhecido".

O estudo articula diferentes referenciais teóricos e dialoga com uma experiência situada de perda por suicídio, compreendida não como relato autobiográfico, mas como elemento de implicação que amplia e tensiona a reflexão teórica. Dessa forma, não se pretende generalizar a experiência individual, mas utilizá-la como ponto de partida para problematizar o fenômeno em diálogo com o referencial adotado. Tal perspectiva reconhece que a produção do conhecimento é atravessada por vivências, contextos e interpretações, especialmente em pesquisas que envolvem experiências humanas complexas, como o luto por suicídio.

Quanto aos procedimentos técnicos, realizou-se pesquisa bibliográfica, considerada pertinente em estudos exploratórios por possibilitar o acesso a um amplo conjunto de

produções teóricas sobre o tema investigado e contribuir para a construção de uma base conceitual consistente (Gil, 2025).

O levantamento bibliográfico foi realizado no Portal de Periódicos da Capes, na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), selecionadas por sua relevância e abrangência em relação ao tema investigado. Para as buscas, foram utilizados os descritores "biblioterapia *AND* luto" e "biblioterapia *AND* suicídio", "biblioterapia *AND* posvenção" sem delimitação temporal, com o objetivo de contemplar tanto produções clássicas quanto contemporâneas. As buscas foram realizadas nos idiomas português, inglês e espanhol, visando ampliar a cobertura teórica e geográfica da investigação.

No Portal de Periódicos da Capes, as buscas pelos descritores "biblioterapia *AND* suicídio" e "biblioterapia *AND* posvenção", nos idiomas português e espanhol, não apresentaram resultados. A busca por "biblioterapia *AND* luto" identificou 1 (uma) publicação em português e nenhuma em espanhol. Em inglês, o descritor "*bibliotherapy AND suicide*" recuperou 1 (um) estudo diretamente relacionado à temática da pesquisa, sendo esse mesmo trabalho o único resultado encontrado para "*bibliotherapy AND postvention*". Quanto ao descritor "*bibliotherapy AND grief*", foram recuperados 8 (oito) estudos sobre biblioterapia e luto; entretanto, apenas um abordava especificamente o suicídio, correspondendo ao mesmo artigo localizado nas buscas anteriores.

Na base BVS, a busca por "biblioterapia *AND* suicídio" resultou em 6 (seis) trabalhos em língua inglesa. Desses, apenas dois abordavam o suicídio e somente um tratava especificamente do luto por suicídio, correspondendo ao mesmo estudo já identificado no Portal de Periódicos da Capes. A busca pelo descritor "biblioterapia *AND* luto" recuperou (3) três estudos em inglês, mas apenas 1 (um) discutia a relação entre biblioterapia e luto, sem, contudo, abordar o suicídio. Já a busca por "*bibliotherapy AND postvention*" resultou em 2 (dois) trabalhos, sendo um deles o mesmo estudo anteriormente recuperado.

Na BRAPCI, a busca por "biblioterapia *AND* luto" recuperou 2 (dois) trabalhos, sendo um deles o mesmo já identificado no Portal de Periódicos da Capes e o outro uma publicação em espanhol. As buscas por "biblioterapia *AND* suicídio" e "biblioterapia *AND* posvenção" não retornaram resultados.

As buscas evidenciam uma reduzida produção de estudos que articulem diretamente biblioterapia e luto por suicídio, revelando uma lacuna importante no campo da Ciência da

Informação. Essa constatação reforça a relevância da presente investigação, ao promover reflexões capazes de ampliar o debate sobre a temática e contribuir para o desenvolvimento de práticas de biblioterapia voltadas à posvenção.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Vivenciar o suicídio[2] de uma pessoa próxima provoca transformações profundas na vida dos sobreviventes e pode instaurar "um hiato se houver falta de cuidado e de amor" (Fukumitsu; Kovacs, 2016, p. 10). Essa experiência evidencia a importância de "refletir sobre a maneira de se oferecer amparo a uma pessoa que vivenciou o suicídio de um ente querido" (Fukumitsu; Kovacs, 2016, p. 7), ressaltando a necessidade de práticas de acolhimento, escuta e humanização voltadas aos sobreviventes. Nesse contexto, os resultados desta pesquisa permitiram perceber a relevância da biblioterapia como estratégia de posvenção.

4.1 A BIBLIOTERAPIA NA ELABORAÇÃO DO LUTO POR SUICÍDIO

A biblioterapia é uma prática que possibilita a construção de experiências simbólicas capazes de favorecer a elaboração das emoções. No contexto do luto por suicídio, ao permitir que memórias, sentimentos e conflitos sejam acolhidos, reconhecidos e expressados, essa prática contribui para a compreensão e a nomeação das emoções vividas. Por meio do contato com a informação, através das histórias e narrativas compartilhadas, torna-se possível ressignificar a experiência da perda e atribuir novos sentidos ao sofrimento.

4.1.1 Quando a dor encontra acolhimento

O luto, como afirma Abbehusen ([2026?], p. 9), "é uma das experiências mais difíceis de se compreender de fora". A perda atravessa cada pessoa de maneira singular e, nesse processo, cada um encontra sua própria forma de suportar a ausência e seguir habitando o mundo após a ruptura vivida. Por isso, julgar a dor do outro constitui também uma forma de violência (Abbehusen, [2026?]), sobretudo porque o sofrimento não obedece a medidas visíveis, nem segue tempos lineares e previsíveis.

[2] Dados divulgados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2025 indicam que mais de 720 mil pessoas morrem por suicídio todos os anos, o que confere ao fenômeno uma magnitude global e reforça a necessidade de ampliar os olhares sobre seus impactos nos sobreviventes.

Entretanto, “nem todo mundo entende o tempo do luto” (Abbehusen, [2026?], p. 55). Em uma sociedade marcada pela pressa e pela dificuldade de acolher o sofrimento, muitas dores emocionais acabam sendo invalidadas ou silenciadas. As exigências da vida cotidiana e a necessidade de aparentar normalidade favorecem respostas automáticas, como “está tudo bem”, mesmo quando o sofrimento permanece profundo.

No luto por suicídio, essas dificuldades tendem a se intensificar. Silva e Aguiar (2025) destacam a importância de redes de apoio capazes de favorecer a ressignificação da dor e a continuidade da vida após a perda por suicídio. Nesse cenário, a biblioterapia constitui-se como um espaço seguro de pausa, escuta e humanidade, no qual o sobrevivente pode encontrar acolhimento sem julgamentos ou exigências de superação.

A elaboração do luto exige aproximação sensível da dor, e o cuidado biblioterapêutico respeita o tempo do enlutado ao criar condições para que emoções difíceis sejam reconhecidas e elaboradas com consciência, sem confrontações abruptas. Paris (2021) utiliza a noção de convalescença para descrever esse processo como um tempo de espera e recuperação em direção ao bem-estar integral. Por meio da leitura, da partilha de narrativas e do contato com experiências atravessadas pela perda, o sobrevivente pode encontrar palavras para dores silenciadas, reconhecer-se na experiência do outro e sentir-se menos sozinho. Como afirma Paris (2021, p. 43, tradução nossa), “a biblioterapia se desdobra como uma espécie de copresença, um abraço simbólico, um ambioma compartilhado”.

4.1.2 As histórias no processo da dor

Segundo Watson *et al*. (2021, p. 3), “as histórias oferecem diferentes perspectivas, apoiam o desenvolvimento socioemocional e normalizam experiências, ajudando a saber que não estão sozinhos e que outras pessoas já vivenciaram situações semelhantes”. Por meio das narrativas e da identificação com personagens, torna-se possível reconhecer emoções, compartilhar experiências e expressar sentimentos diante de vivências difíceis.

Conforme Paris (2021, p. 42, tradução nossa), “a arte sempre foi uma fonte de beleza e portadora de uma verdade alternativa sobre a realidade”. Nesse sentido, o livro é compreendido como um artefato capaz de transformar a compreensão sobre acontecimentos, relações e sofrimentos humanos. Ainda segundo Paris (2021), diante de uma tristeza marcada pela angústia, a leitura possibilita interromper pensamentos obsessivos e abrir caminhos para novas experiências e sentidos.

Textos literários e reflexivos favorecem a aproximação com emoções profundas, permitindo que sentimentos silenciados encontrem imagens, metáforas e linguagem. Ao reconhecer no outro experiências semelhantes, o sujeito reduz a sensação de isolamento e valida emoções que muitas vezes permanecem invisíveis. Nesse movimento, a literatura favorece não apenas a expressão da dor, mas também a escuta interior e o contato com dimensões subjetivas do luto. Como afirmam Almeida, Pinto e Nunes (2021, p. 9), as histórias ensinam "a escutar o silêncio onde moram todas as histórias que temos dentro".

Assim, a leitura pode funcionar como "um paliativo emocional, um atenuante da tragédia" (Paris, 2021, p. 42, tradução nossa). Embora a literatura não elimine o sofrimento, ela auxilia na reorganização das emoções, amplia horizontes de compreensão e possibilita novas respostas para dores já conhecidas (Paris, 2021). Dessa forma, a leitura torna-se espaço simbólico de elaboração, no qual a dor pode ser acolhida, narrada e gradualmente ressignificada.

4.1.3 Quando é possível romper silêncios e nomear o inominável

Conforme Lavoratti, Eich e Batista (2014), a dificuldade de falar sobre a morte por suicídio afeta diretamente os enlutados, que muitas vezes se isolam e evitam compartilhar seus sentimentos devido ao estigma que envolve o tema. O sofrimento, então, tende a permanecer recolhido, sem linguagem capaz de nomeá-lo plenamente.

Diante disso, ~~e~~ncontrar-se nas narrativas pode favorecer a identificação de emoções difíceis de verbalizar. Ao reconhecer, nas histórias, fragmentos de suas próprias dores, medos e ausências, o sujeito percebe que não sofre sozinho e que aquilo que parecia impossível de nomear passa, pouco a pouco, a encontrar forma e linguagem.

Paris (2021, p. 43-44, tradução nossa) afirma que a "recuperação da memória emocional desbloqueia a ruminação persistente do presente no pensamento operacional, imprime mecanismos de metaforização e dota o habitual de significados simbólicos mais ricos, pois oferece palavras para o inominável". Ao acessar emoções e lembranças por meio de caminhos simbólicos, o sobrevivente pode deslocar-se de um estado de pensamento repetitivo e aprisionado ao trauma para uma experiência de elaboração sensível.

4.1.4 A ressignificação da dor

"Tudo parece fugir ao controle quando um suicídio acontece" (Fukumitsu; Kovacs, 2016, p. 6). A vida deixa de seguir seus contornos habituais e nos convoca, mesmo em meio à dor, a reinventar novos sentidos para seguir vivendo.

A biblioterapia, através de uma mediação sensível, entra em contato com diferentes narrativas que possibilitam o sujeito se reconhecer nas histórias e perceber que sua experiência, embora singular, dialoga com dores universais. Isso possibilita que emoções não elaboradas possam ser reconhecidas e integradas ao indivíduo. Nesse movimento, favorece processos de ressignificação, ao permitir que sentimentos antes difusos ou silenciados encontrem linguagem, compreensão e novos significados.

Como escreve Abbehusen ([2026?], p. 27), "a gente não tem culpa do vento que entrou e bagunçou tudo, mas pode aprender, com carinho e responsabilidade, a fechar a janela, reforçar a porta e construir uma casa mais segura dentro da gente". A imagem da casa revela que o processo do luto por suicídio não consiste em apagar a dor, mas em aprender, lentamente, a reorganizar os sentimentos após a desordem provocada. Trata-se de um processo delicado de reconstrução interna, no qual o cuidado, a escuta e o acolhimento são fundamentais.

As histórias, nesse sentido, podem ser abrigo e travessia. Ao permitir contato com diferentes formas de viver e elaborar o sofrimento, elas recordam ao sujeito que, apesar da dor, a vida continua a pulsar. Afinal, como escreve Abbehusen ([2026?], p. 20), "a vida é urgente. E o afeto também". Talvez seja na possibilidade de compartilhar narrativas que o sobrevivente encontre caminhos para reorganizar a própria existência e seguir adiante, carregando a memória da ausência com afeto, e não com culpa ou julgamento.

4.1.5 A informação na biblioterapia de posvenção

Almeida, Pinto e Nunes (2021, p. 7) afirmam que "a biblioterapia produz maior literacia em saúde", evidenciando seu potencial não apenas como prática de acolhimento, mas também como instrumento de acesso e compreensão de informações relacionadas ao sofrimento e ao cuidado emocional. Nessa perspectiva, a informação mediada pelas histórias lidas e compartilhadas possibilitam aos sujeitos compreenderem experiências dolorosas, reconhecerem emoções e construírem sentidos.

Essa compreensão torna-se ainda mais relevante no contexto da posvenção do suicídio, em que o suporte aos sobreviventes é fundamental para acolher o sofrimento

psíquico, combater estigmas e identificar precocemente novos riscos entre os afetados. Nesse sentido, Fukumitsu e Kovács (2016, p. 10) ressaltam que “estar em luto significa também educar outros para compreender os significados desse tipo específico de morte”, retomando a proposta de educação para a morte discutida por Kovács (2005).

Em contextos marcados pelo silêncio e pela dificuldade de falar sobre o suicídio, a biblioterapia favorece espaços seguros de escuta, acolhimento e partilha de experiências, sem julgamentos. Por meio do contato com narrativas e informações sobre o luto e o sofrimento psíquico, os sobreviventes podem compreender melhor as particularidades dessa experiência, reconhecendo sentimentos frequentemente atravessados por culpa, incompreensão e isolamento.

Desse modo, a informação ultrapassa seu caráter utilitário e passa a constituir-se como fonte de acolhimento, entendimento e humanização. A leitura, a escuta e a partilha de narrativas transformam a informação em cuidado sensível, permitindo que os sobreviventes encontrem caminhos possíveis para elaborar e ressignificar a dor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, compreendeu-se que o luto por suicídio constitui uma experiência profundamente complexa, marcada por rupturas emocionais e simbólicas, atravessada por sentimentos ambivalentes e estigmas que dificultam a elaboração do sofrimento.

Os resultados da pesquisa evidenciam que as informações mediadas podem desempenhar um papel significativo na elaboração do luto por suicídio, sobretudo ao favorecerem processos de identificação com experiências semelhantes e linguagem para emoções frequentemente silenciadas. Nesse processo, a biblioterapia possibilita que a dor deixe de permanecer apenas no silêncio e encontre caminhos simbólicos de expressão, compreensão e ressignificação. Assim, mesmo sem eliminar a dor, contribui para que o sofrimento seja acolhido e gradualmente elaborado pelo sobrevivente como parte de sua experiência de vida.

Apesar de seu potencial, observou-se que a biblioterapia ainda é pouco explorada como estratégia complementar de posvenção no campo científico, o que evidencia a necessidade de ampliar estudos, práticas e políticas voltadas à sua integração em ações de cuidado aos sobreviventes. No âmbito da Ciência da Informação, a biblioterapia destaca-se

como prática capaz de mediar informações sensíveis, acolhedoras e humanizadas diante das experiências de sofrimento.

REFERÊNCIAS

ABBEHUSEN, Edgard. **A coragem de continuar:** o luto e outras dores. [*s. l.*], [2026?]. *E-book*. Acesso restrito.

ALMEIDA, Cristina Vaz de; PINTO, Alexandra; NUNES, Cecília. **Biblioterapia em contexto hospitalizar na promoção da literacia em saúde**: a eficácia da storytelling. 2021. *Ebook* (57p.). Disponível em: https://splsportugal.com/wp-content/uploads/2025/01/E-BOOK-2021-BIBLIOTERAPIA-BEM-ESTARLITERACIAEMSADEvazdealmeida-pintonunes.pdf. Acesso em: 21 maio 2026.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, v. 6, n. 12, p. 32-44, 2001. Disponível em: https://doi.org/10.5007/1518-2924.2001v6n12p32. Acesso em: 8 set. 2026.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia: atividades de leitura desenvolvidas por acadêmicos do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina. **Biblios Journal of Librarianship and Information Science**, [*s. l.*], v. 6, n. 21-22, p. 13-25, ene/ago. 2005. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/1281420.pdf. Acesso em: 7 set. 2026.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Leitura e terapia.** 2009. 216 f. Tese (Doutorado em literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/92575/263775.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 7 set. 2026.

CRUZ, Aline Machado; ALVES, Ana Paula Meneses. Biblioterapia na formação em Biblioteconomia: relato de experiência de estágio docente e análise do seu potencial formativo. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 31., 2026, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: FEBAB, 2026. Disponível em: https://portal.febab.org.br/cbbd2026/article/view/4220/3908. Acesso em: 9 set. 2026.

DANTAS, Eder Samuel Oliveira; BREDEMEIER, Juliana; AMORIM, Karla Patrícia Cardoso. Sobreviventes enlutados por suicídio e as possibilidades para posvenção no contexto da saúde pública brasileira. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 1-11, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-12902022210496pt. Acesso em: 31 mar. 2026.

ERLICH, Matthew *et al*. Why we need to enhance suicide postvention: evaluating a survey of psychiatrists' behaviors after the suicide of a patient. **The Journal of nervous and mental disease**, Chicago, v. 205, n. 7, p. 507-511, 2015. Disponível em: https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC5962958/. Acesso em: 16 abr. 2026.

FUKUMITSU, Karina Okajima; KOYÁCS, Maria Júlia. Especificidades sobre processo de luto frente ao suicídio. **Psico**, Porto Alegre, v. 47, n. 1, p. 3-12, 2016. Disponível em: https://doi.org/10.15448/1980-8623.2016.1.19651. Acesso em: 4 abr. 2026.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2025. *E-book.* (186 p.). Disponível em: https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786559771653/epubcfi/6/10[%3Bvnd.vst.idref%3Dhtml5]!/4/48/1:73[%C3%ADtu%2Clo. Acesso em: 20 abr. 2026. Acesso restrito.

JORDAN, John. R.; MCINTOSH, John. L. (ed.). **Grief after suicide:** understanding the consequences and caring for the survivors. New York; London: Routledge, 2011. Disponível em: https://www.taylorfrancis.com/books/edit/10.4324/9780203886045/grief-suicide-john-jordan-john-mcintosh. Acesso em: 13 abr. 2026.

KOVÁCS, Maria Júlia. Educação para a morte. **Psicologia:** ciência e profissão, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 484-497, 2005. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1414-98932005000300012. Acesso em: 9 abr. 2026.

LAVORATTI, Marcos Henrique; EICH, Poliana Krohling; BATISTA, Ana Claudia Kissner. Além do estigma: o impacto da censura social do suicídio na prestação de cuidados psicológicos aos familiares enlutados. **Revista Contemporânea**, [*s. l.*], v. 4, n. 12, p. 1-20, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.56083/RCV4N12-092. Acesso em: 30 mar. 2026.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Suicído**. OMS, 2025. Disponível em: https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/suicide. Acesso em: 13 abr. 2026.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. Tradução de Nicolás Niymi Campanário. São Paulo: Loyola, 1996.

PARIS, Diana. Biblioterapia: uma proposta terapêutica no desgarro do tejido social. **Information**, Montevidéu, v. 26, n. 2, p. 30-50, dez. 2021. Disponível em: https://doi.org/10.35643/Info.26.2.2. Acesso em: 4 abr. 2026.

PINHEIRO, Valdiceia de Jesus Cardoso; AGUIAR, Niliane Cunha de; BARROSO, Cristina de Almeida Valença Cunha. Biblioterapia no Ensino Superior do Brasil: panorama dos cursos de biblioteconomia no Nordeste. **RDBCI**: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, SP, v. 24, p. 1-11, 2026. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8680797/36969. Acesso em: 9 set. 2026.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2005.

SEITZ, Eva Maria. Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínicas médicas. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 155-170, 2006. Disponível em: https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/452. Acesso em: 2 abr. 2026.

SHNEIDMAN, Edwin S. **The suicidal mind**. New York: Oxford University Press, 1996.

SILVA, Alexandre Magno da. **Características da produção documental sobre biblioterapia no Brasil.** 2005. 121 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: https://www.tede.ufsc.br/teses/PPSI0170.pdf. Acesso em: 6 set. 2026.

SILVA, Reinan Rios da; AGUIAR, Niliane Cunha de. A prática da Biblioterapia no processo de enfrentamento do luto. **Revista Bibliomar**, São Luís, v. 24, n. 2, p. 1-16, jul./dez. 2025. Disponível em: https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bibliomar/article/view/26930/14104. Acesso em: 14 abr. 2026.

SORDI, José Osvaldo. **Desenvolvimento de projeto de pesquisa**. São Paulo: Saraiva, 2017. *E-book.* (184p.). Disponível em: https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788547214975/pageid/179. Acesso em: 10 abr. 2026. Acesso restrito.

SOUSA, Laiana Ferreira de. **Práticas informacionais terapêuticas e a resiliência informacional**. 2022. 211 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/24191/1/LaianaFerreiraDeSousa_Tese.pdf. Acesso em: 10 abr. 2026.

WATSON, Cortland *et* al. Very young child survivors' perceptions of their father's suicide: exploring bibliotherapy as postvention support. **International Journal of Environmental Research Public Health**, Suiça, v. 18, n. 21, p. 1-24, 2021. Disponível em: https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC8582906/. Acesso em: 10 abr. 2026.